

Rodrigo
Guedes
de
Carvalho
O
Pianista
de Hotel

R
O
M
A
N
C
E



D. QUIXOTE

ANTES DO INÍCIO

Abriu o livro e procurou a primeira frase.

Sempre ouviu dizer que o arranque de um livro é muito importante, porque se percebe logo o que podemos esperar.

Ficou surpreso quando viu que a primeira frase dizia:

«Abriu o livro e procurou a primeira frase.»

Além da surpresa, sentiu-se observado, apanhado na inesperada e impossível ideia de que alguém lhe lia o pensamento, na livraria quase deserta.

Rodou a cabeça, espreitou por cima do ombro. Perto dele, com o mesmo livro na mão, outro leitor espreitava também, e os seus olhares encontraram-se.

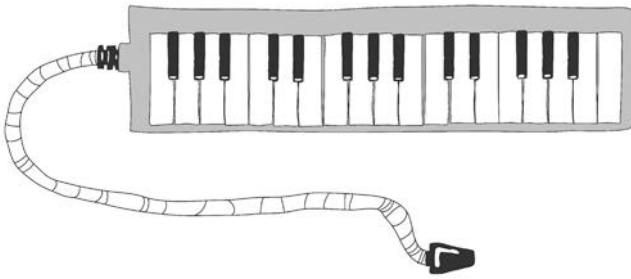
Perceberam de imediato que a ambos acontecera a mesma coisa.

Abriram ambos um livro e, julgando lê-lo, estavam a ser lidos.

Um deles fechou o livro, pousou-o, e caminhou pelo corredor. Terá ficado confundido, e não ficou interessado.

O leitor que ficou voltou ao livro, curioso.

A história parece começar pela descrição de um instrumento musical.



A melódica é um instrumento musical, mas é um híbrido.

Podemos compará-la ao ornitorrinco, um animal oriundo da Austrália. Um ser tão improvável que, quando o primeiro espécime chegou a Inglaterra, empalhado, foi considerado um embuste pela comunidade científica. Nunca se vira um rato tão grande, quase um castor, que tem bico de pato e põe ovos.

Também a melódica parece construída com peças sobressalentes, que não estariam destinadas a encaixar-se.

A melódica, mesmo que possa, raramente, integrar uma grande orquestra, parece, e sempre parecerá, um brinquedo de criança.

A melódica assemelha-se a um pequeno piano, com uma mera vintena de teclas, mas não adianta tocar-lhes ou pressioná-las, porque não emitirão qualquer som. Só ouviremos a melódica se lhe soprarmos, como faríamos com um saxofone, ou uma harmónica, ou um clarinete.

Então ela é um instrumento de teclas ou de sopro?

Não é um ou outro, é uma melódica. Da mesma forma que o ornitorrinco não é rato nem é pato.

E com tão poucas teclas se conseguem os sons mais díspares.

Pode ser tocada na leve alegria da criança que dança e acompanha a banda que desfila na rua.

Como pode cantar uma melodia lenta, ou fazer soar uma única nota, prolongada num gemido comovente.

Depende da forma como sopramos, porque a melódica toca-se com a boca, que vai buscar ar ao pulmão, que está encostado ao coração.

A melódica é um híbrido, não uma simples soma de partes.

Ela diz-nos que, por vezes, nem tudo, nem todos, somos uma única coisa.

Ouviu. Ou não ouviu?

Deitou-se há cerca de uma hora, por isso será difícil dizer se o ruído que ouve é real, ou um truque do sono frágil da vigília.

Acontece-nos a todos, não sabemos por vezes se estamos a sonhar, mas parece que com Maria Luísa ainda mais, uma vez que a sua vida não é propriamente regrada. Basta dizer, a título de exemplo do muito que há ainda para descobrirmos, que está a dormir e é de dia.

É muito por essa razão que não desconfia logo do ruído, já que está habituada a vários, que se cruzam junto aos seus ouvidos quando se deita e tenta dormir, nesta sua vida ao contrário dos outros.

Os homens do lixo são dos primeiros, o ronco do camião anuncia-se muito antes de chegar perto da sua janela, vem numa subida íngreme, que faz o motor gemer, um esforço que ecoa no bairro inteiro. Depois, os homens do lixo fazem questão de falar alto uns com os outros, Maria Luísa acha que essa algazarra é de certeza uma vingança de homens zangados com a sua condição, que falam alto aos palavrões porque estão irritados com os que dormem tranquilos, muito certinhos nas suas vidas regradas, muito contentinhos com os seus horários de gente normal.

Maria Luísa quase compreende os homens do lixo, embora nada a mova contra as pessoas dos horários normais, a não ser, por vezes, uma certa inveja por conseguirem dormir quando é suposto.

Porque esta é parte importante do problema que aqui se começa a apresentar. Maria Luísa dorme de dia, ou tenta dormir, como veremos, porque não consegue dormir de noite.

Não lhe foi difícil arranjar emprego em consonância com tal particularidade, mas parte de si preferia ser de outra forma, como as pessoas normais, que desde a madrugada dos tempos escolheram a luz do dia para fazer coisas, e o recato escuro da noite para deixar descansar os ossos.

Quando tratou de procurar ocupação, que sem dinheiro ao fim do mês se torna difícil sonhar seja com o que for, não levava propriamente um canudo universitário debaixo do braço, por razões que adiante se tornarão compreensíveis.

Depois de muito procurar, sem aquilo a que chamamos foco ou consistência, Maria Luísa começou por trabalhar numa perfumaria de centro comercial. Deram-lhe a escolher e ela, claro, escolheu o horário mais tardio, o mais encostado à noite escura.

Mas a coisa não correu bem, e Maria Luísa trabalha hoje num restaurante, pela hora de jantar, a que juntou um segundo emprego, de vantagem dupla. Ao balcão de um estabelecimento de diversão nocturna, consegue mais um pouco de dinheiro ao fim do mês. E a noite, a noite preta e baça de que foge desde que se lembra, atravessa-a ocupada e distraída.

Percebemos então que durma embora seja dia.

Até que um sobressalto a faz erguer um pouco a cabeça da almofada.

Um ruído. Por agora, é tudo o que consegue processar. Porque ao camião do lixo se juntam, num tropel de manada, os primeiros

autocarros, que aceleram e travam bruscamente, levanta-se com estrondo o estore de alumínio pesado da mercearia em frente, pais põem o carro a trabalhar mas têm ainda de chamar os filhos, e as crianças normalmente esquecem-se da mochila e voltam atrás, e com isto deixam bater as portas dos prédios, primeiro, batem depois com força as portas dos carros, enquanto gritam coisas indistintas, que Maria Luísa percebe serem umas vezes excitação, outras uma birra.

E há um vizinho que chama sempre outro, dois velhotes amigos que saem para tomar café sempre à mesma hora, um deles atrasa-se sempre, de forma que o pontual tem de chamá-lo, e gosta de lhe lançar um assobio cá de baixo, ao invés de lhe tocar à campainha, que é para isso que servem. Mas ele prefere sempre – Então ainda vens hoje ou já morreste? após o que se ri sozinho.

Não esquecer também, e qualquer pessoa que habite num prédio sabe disto, que é normal ouvir-se um autoclismo, algures lá mais para cima, e os autoclismos fazem-se ouvir regra geral pela mesma hora todos os dias, o que ao menos indica funcionalidade saudável do utilizador.

Mais os passos apressados nas escadas dos que não têm já tempo para esperar pelo elevador. Mais os que vêm no elevador e ao chegar ao rés-do-chão empurram para o lado a porta lagarta de madeira e metal, na fúria maldisposta de quem rasga uma parede.

Mas. Ainda assim, ouviu um barulho que não pertence à lengalenga.

Ou será que não, e Maria Luísa está a ser enganada pelo cansaço, por um sonho que se levava longo e intenso, de tal forma que se intrometeu na sua cabeça, estando ela já acordada.

Ouviu ou não ouviu? Faz o que fazemos certamente todos em situação similar. Deixa de respirar, abre muito os olhos à espera que se repita para ter certezas, depois acha-se parva porque a

gente não escuta com o olhar, e ao invés se calhar é melhor fechar os olhos com força, a ver se os ouvidos percebem que a missão é deles, trazer-lhe o conforto aliviado de uma confusão que fez. Ou confirmarem-lhe que afinal sim, afinal há ali coisa que não era suposto haver.

É uma angústia que terá de provir de raízes várias, sendo a mais notória que Maria Luísa se encontra sozinha em casa. Nem sempre acontece, mas as exceções são isso, exceções, acontecimentos pouco duradouros e, no caso, normalmente insatisfatórios. Está sozinha pois é assim que vive.

Vai fazer em breve vinte e sete anos. É certo que não conhecemos ainda muito bem a pessoa, mas julgamos ser a idade em que a maioria de nós gostaria de viver sozinho, no que isso significa de ter alcançado, ou ter começado a construir, uma vida independente, o carimbo de uma existência adulta. Tem espinhos e dificuldades, claro, mas apresenta-se também como uma irresistível aventura.

Passamos a infância a querer crescer depressa, para depois termos saudades de quando não sabíamos quase nada. Mas isso é a história do mundo, como é história do mundo só sabermos isto muito tarde.

O apartamento, pequeno, pertence a uma tia-avó, que foi acumulando a propriedade de habitações em Lisboa, apesar de quase nunca sair da casa onde vive, essa bem longe da confusão urbana.

A tia ficou viúva ainda nova, e do marido recebeu negócios dispersos e recordações de raiva, por saber desde cedo, um cedo mais cedo que o momento em que ficou viúva, que nunca foi a única, de modo nenhum a única, que foi uma de várias, tendo-se apercebido de que as várias seriam dezenas, e tendo parado de fazer contas ao que lhe vinham contar, para não ter de enfrentar a viuvez a saber que a coisa era da casa das centenas.

Não querendo saber de mais, que o que sabia chegava, a tia visita regularmente a campa do marido. Lá chegada, benze-se, ajoelha-se e cospe-lhe.

No dia em que o marido morreu, num acidente que, segundo a GNR, se deveu a uma falha súbita nos travões do automóvel, a tia deitou fora o alicate com que havia cortado vários cabos da viatura e deu uma volta pela casa de martelo na mão, visto que tinha planeado partir primeiro os vidros de todas as molduras, grandes ou pequenas, para só depois pegar fogo às fotografias.

Quem pode esperar tem sempre vantagem. Recusou casais jovens que tentavam baixar o preço, ainda que lhe apelassem ao coração com informações de que estavam a pensar ter bebé.

E na teimosia impenetrável de quem precisa de uma missão dura para não se lembrar do marido, arrendou pelo preço que pedia cinco apartamentos minúsculos mas bem localizados para quem não tem carro próprio. Num deles, vive hoje a sobrinha Maria Luísa.

Que gosta tão pouco do escuro, mas tão pouco, que até manter os olhos fechados por um momento lhe acelera as veias.

Até porque, como ela receava, foi precisamente no momento em que cerrou as pálpebras com mais força para tentar afinar os ouvidos, que sentiu, agora de forma nítida, um outro ruído, não sabendo se pode dizer que foi igual ao primeiro.

Este, tem a certeza, foi a porta da casa a fechar. A porta que ela tem a certeza de ter fechado, com duas voltas na chave.

Poderá parecer estranho a quem não vive no centro da cidade tumultuosa, e dorme de noite como as pessoas normais, que um pequeno apartamento, banhado pela luz da manhã que traz consigo todos os ruídos do quotidiano, estranho que apenas mais um som possa, de repente, transformar uma casinha pequena num poiso assustador.

Acontece também que, à força de estar tão habituada a que a cidade lá em baixo, a cidade a toda a volta, se espreguice todos os dias em azáfama familiar, os ouvidos de Maria Luísa foram, com o tempo, atenuando a ladainha de sons, até restar apenas um murmúrio assobiado que, ao invés de perturbar, embala o sono. O corpo encontra sempre maneira de sobreviver.

Significa isto que todo o vulcão de motores, buzinas, conversas, carros com o rádio no volume máximo, chocam uns com os outros e diluem-se numa plasticina quase imperceptível. Curiosamente, é o que lhe garante que está tudo bem. Mas há outra consequência. O apartamento parece que se fecha, em defesa, o que provoca esse estranho e grave zumbido do silêncio. Maria Luísa costuma escutar a própria respiração, como quando estamos dentro de água, sobretudo se vamos ficar aflitos não tarda nada. Daí poder facilmente, do quarto onde se deitou para tentar dormir, verificar que uma torneira ainda pinga, depois de o canalizador ter vindo três vezes, que as juntas do armário grande que a tia não tira da casa continuam a gemer estalidos, nessa vida própria que a madeira tem, julgando nós que ela não pode ter vida própria.

É por saber de cor os sons que comunga com as manhãs da cidade grande que Maria Luísa sabe, ou sente, ou pressente, que sucedeu alguma coisa diferente.

A porta da entrada.

Mas como poderia ser a porta da casa? Sai da cama, tenta não fazer barulho quando os pés chegam ao chão. Sente frio. A porta do quarto está entreaberta, nunca conseguiu determinar o que lhe faz mais medo, se fechá-la sem ver o pequeno corredor, se deixá-la escancarada e passar horas que deviam ser de sono a vigiar o pequeno corredor.

Sente frio, e as pernas, nuas, arrepiam-se. Olha para o chão, mas os chinelos deixou-os algures, não os encontra. Acha que

é uma vantagem, se avançar descalça não fará barulho que a denuncie. Um pensamento que não sabe de onde vem ou a que propósito, pois qual seria o problema de se ouvirem os seus próprios passos na sua própria casa. Se normalmente Maria Luísa se angustia porque dá por si muito atenta à sua respiração, imagine-se agora: leva a mão à boca e só deixa destapado o nariz.

Saindo do pequeno quarto para o pequeno corredor, serão mais uns poucos metros até à pequena sala. Uma enormidade, nesta circunstância.

Quando espreita pela primeira vez, ainda agarrada à ombreira da porta do quarto, não vê nada de anormal, não vê ninguém. Claro que não, começa por concluir. Mas então. Então terá sonhado. E é nesse momento que ouve, e aqui acabaram-se as dúvidas de que ouve, um isqueiro a acender. Há que dizer que Maria Luísa sente a cara a arder, e a nuca também, não sabendo ela se está a corar quente ou a arrear gelado.

Talvez recuar de novo para a cama, puxar o cobertor para cima da cabeça. Não. Já não consegue.

O coração parece querer saltar pelo pescoço, e ela tem, mais uma vez, de decidir entre dois medos. Escolhe, como uma ratazana encurralada num canto, que só lhe resta avançar.

Sendo o corredor pequeno, dele se avista, claro está, a pequena sala. Mas só uma parte, será preciso chegar mesmo à porta para olhar o resto que ainda não vê, do lado esquerdo de quem entra. Enquanto vai devagar, um pé receoso à frente do outro: nada nem ninguém.

E eis que como em tantas situações da sua vida, é o que ouve e não vê que a faz tremer.

Ouve uma cantiga sussurrada, uma voz mansinha.
De quem não quer perturbar.

Diz-se que, se o coração pára, morremos logo. Não é verdade, pelos vistos. Pois que o coração de Maria Luísa se fechou e levou ele próprio as mãos à cara, sentindo-se ela afinal mais viva do que nunca, tudo o que é corpo em si a latejar, a tentar organizar-se, como um animal cativo que soltaram na selva e põe em marcha todos os instintos ao mesmo tempo.

Vejá-se então esta astúcia no que vai fazer, que poderíamos observar num leopardo ou num lobo.

De repente, é como se uma onda invadissem a casa, rebentando-lhe o silêncio: lá fora, na rua normal da manhã normal, como normalmente a essa hora, um camião da Câmara Municipal ergueu no ar, num baloiçar pesado, um sujo caixote verde a abarrotar de vidro feito lixo. Baloíça devagar, como o pêndulo enferrujado de um relógio em fim de vida, até que um gancho puxa o aro que prendia o fundo, e o fundo se abre, e uma trovoada cai na caixa aberta do camião. É um rugido de vidro partido que se vai quebrando, que faria sobressaltar qualquer alma que não soubesse o que lá vinha.

É quando este estrondo abafa tudo o resto que se pudesse querer escutar que Maria Luísa dá quatro ou cinco passos rápidos pelo corredor, até alcançar a porta da sala e poder, enfim, verificar com os olhos as desconfianças dos ouvidos. Pensa ela, se é que pensou em alguma coisa, que seja quem for que lá esteja não a terá ouvido avançar, dado o tremor de terra da vidraceira, lá fora.

Mas seja quem for que ali está, não parece sequer ter estremecido ou mudado um dedo de posição.

Os dentes de Maria Luísa rangem, é do descontrolo, voltam os arrepios pela cara toda, na nuca outra vez. Porque esperou, como qualquer um de nós certamente ansiaria em tal momento, que o

temor não se justificasse, não veria nada nem ninguém quando chegasse à sala, e deixar-se-ia cair numa cadeira, exausta dos nervos e a rir de se achar parva.

A mulher está de costas para ela, Maria Luísa não lhe vê a cara. Na verdade, supõe apenas que seja uma mulher.

Da mesma forma que surgiu como um relâmpago, o camião do vidro partido já largou rua acima, e deixou que assim voltasse aquele mesmo silêncio de há pouco. Maria Luísa costuma deixar os estores da sala a meia haste. Metade da janela a coberto da luz de fora, já vimos que detesta o escuro total. Essa metade apenas tem o efeito de metade apenas: quem estiver na sala, consegue descortinar o que lá esteja, mas sem muita precisão, há sobretudo contornos de cadeira, estante, televisão, sofá.

Num dos braços do sofá, a mulher de costas para ela.

E confirma-se que nos últimos minutos não esteve propriamente a sonhar, já que ouviu distintamente o rolar de um isqueiro que se acende e a mulher segura um cigarro, numa pose esquecida do que iria fazer a seguir.

Mesmo quando os nossos pensamentos se atropelam, e parecem partículas de luz enlouquecidas, a chocarem desorganizadas umas contra as outras, ainda assim, o nosso pensamento segue uma sequência.

Olha primeiro para o corpo todo, para o que do corpo se vê pelas costas, depois vê o cigarro entre dois dedos trémulos, depois volta ao corpo e parece-lhe, já mais habituada à luz ténue, conseguir perceber a cor da blusa, só então trata de verificar o cabelo, e entre o cabelo e a blusa, um lenço que ela reconheceria em qualquer lado.

Podem o medo e a alegria juntar mãos e fazerem a mesma pergunta?

– Mãe?

O corpo sentado no braço do sofá não se mexe à pergunta. Como quem pretende mostrar que só reage no momento que achar necessário, leva alguns segundos. Não é bem mexer-se. Curva apenas ligeiramente o pescoço, como que a esconder a cara. Maria Luísa repara que o cigarro está aceso mas não parece arder o papel do tabaco. Um fiozinho de fumo sempre igual. Maria Luísa não teve tempo de decidir que resposta ou reacção espera à simples palavra única que conseguiu dizer

– Mãe?

porque faz por esta altura mais ou menos dez anos que a mãe morreu.

Sensivelmente à mesma hora, num outro ponto da cidade, mas afinal tão parecido. Dois homens estão a aprender uma lição. Uma outra rua mergulhada na confusão da manhã. O que já seria de esperar em dia comum, dada a localização tão central, mas hoje ainda pior, uma vez que o acidente transformou o bulício num caos, com gritos, chapa batida, e daqui a nada sirenes.

Luís Gustavo está de joelhos, única posição em que poderá ser de algum préstimo na ocasião. Mais tarde, terá tempo para pensar que pode ter havido ali algum simbolismo. Por agora, de joelhos, segura a cabeça da mulher como pode.

É uma situação de revoada de ventos contrários, não lhe ocorre nada, parece paralisado, mas tenta ao mesmo tempo pensar muito depressa, mecanismo a que aliás está ou devia estar habituado. Tenta lembrar-se depressa, como se alguém tivesse accionado um motor de busca, ora bem

– Em caso de hemorragia grave é preciso mas é difícil continuar porque os ruídos se acumulam, e formam como que labaredas ou cães raivosos à bulha, o que é estranho e causa contradição com o silêncio absoluto que se fez nuvem no momento exacto do choque.

Mas esse silêncio foi só como a maré que recua de mansinho, a fingir que não vem lá maremoto nenhum, para depois deixar de fingir e avançar num rugido de apocalipse.

Não se pode dizer que Luís Gustavo tenha desculpa para a aflição momentânea, como teria talvez um de nós que quisesse ajudar sem saber como, uma vez que se esclarece que possui suposta capacidade para acudir, que revelou logo quando o polícia chegou perto dele e lhe tocou no ombro, e se preparava para o afastar, ordenando

- Não toque na senhora não toque na senhora
- Tenha calma que eu sou enfermeiro

e Luís Gustavo teria naquele momento expressão de quem não sabia o que dizia, ou tentava aldrabar um agente da autoridade, podemos pensar que é desumano numa situação semelhante, mas já se viu de tudo, porque a verdade é que o polícia

- Tem a certeza que é enfermeiro?

e isto porque os polícias aprenderam da pior maneira a desconfiar das pessoas mais insuspeitas, ainda que seja um homem de joelhos no passeio, que segura a cabeça quase desfeita de uma mulher que ninguém percebe se está viva ainda

(espera, estará, as pernas tremem, dir-se-á que não detém o controlo do que faz)

- Confie em mim mas se quiser tire-me a carteira do bolso tenho aqui o cartão

e pensaríamos nós que perante isto o guarda lhe diria

– Muito bem, cidadão com saber especializado, deixe-se estar a ajudar que vou ver ali das outras vítimas

mas o guarda afinal

– Você tem no bolso alguma coisa que me possa cortar?

Luís Gustavo acha que já ouviu isto de outros polícias

– Tem ou não tem aí qualquer coisa, que eu ainda me aleijo?

Pensamos coisas tão estranhas nos momentos que nos confundem, que Luís Gustavo não consegue perceber se o polícia receia cortar-se num x-acto ou numa navalha de ponta e mola, ou se se lhe afigura provável que um enfermeiro ande munido de seringas, para proceder a miraculosas injeções nos transeuntes, ou porque afinal anda na droga, e nisto não seria o primeiro enfermeiro, ou outros de ocupação parecida, diz-se por aí que como têm acesso às farmácias dos hospitais, por vezes

– Nada, senhor guarda, nada de nada, só a carteira

onde está a identificação que garante que tem profissão condizente com a necessidade de ajuda do acontecimento, e não trabalha no sector há tão pouco tempo quanto isso, o que acelera a angústia de Luís Gustavo, que faz isto todos os dias mas neste momento, de joelhos numa rua suja na confusão de ruídos, e não no ambiente controlado do hospital, em vez de agir na maneira mecânica da experiência, apenas consegue parecer um aluno em véspera de exame

– Em caso de hemorragia do paciente, há que proceder ao seguinte

– Antes disso, convém lembrar que há vários tipos de hemorragia, a que correspondem perigos distintos, a externa, a interna, a arterial, a venosa, a capilar

Luís Gustavo tem quase a certeza de que a senhora sofre de todas a um tempo, segura-lhe a cabeça só ligeiramente, o suficiente para que ela se mantenha mais ou menos deitada

– Posição horizontal, que promove a circulação sanguínea entre o cérebro e o coração

mas o problema é que a nuca, debaixo da qual mantém a sua mão esquerda o mais firme possível, já não é bem uma nuca. Aqui, Luís Gustavo teve a tal lembrança mecânica (vá lá) que o fez, sem pensar duas vezes, rasgar parte do casaco da mulher e simular qualquer coisa parecida com uma gaze de tamanho considerável, a fim de procurar estancar-lhe o jorro.

Acontece que sendo o mínimo do procedimento esperado, não está a ter um grande resultado, dado que Luís Gustavo sente a mão encharcar-se, na lentidão de uma torneira mal fechada, e o braço também molhado de uma pasta que se poderia segurar na palma da mão, como ao fio de mel. Ele sabe que não é bom sinal, será já sangue que vem lá muito de dentro.

Nos poucos segundos que se transformaram nos breves minutos que tudo isto dura ou durará no fim, a mulher teve várias expressões. Luís Gustavo já as viu, embora nunca olhos nos olhos.

Os pacientes das urgências, por exemplo. Se se trata de acidente, seja qual for a natureza, chegam em choque e são humanos como todos nós. Dos sentidos que temos à disposição, tendemos a desconfiar um pouco de cada um, até ao juízo final dos nossos

olhos. Quer isto dizer que, se trazem o mais horrível ferimento mas não o vêem, como pancadas nas costas ou na nuca, há sempre um primeiro momento em que acreditam que não será assim tão grave.

E Luís Gustavo fala com ela

– A senhora não se vai mexer se faz favor, não se mexa e olhe para mim não deixe de olhar para mim

porque foi educado a considerar senhora quem tem idade para ser sua mãe, e porque senhora lhe parece adequado para o olhar dela, para os primeiros gestos no meio do choque, tenta levar a própria mão à própria cabeça, o que Luís Gustavo procura impedir, porque não quer que a senhora interfira com o primeiro socorro, como não quer que ela se aperceba de repente que a nuca já não é bem a nuca, e ela permite que ele lhe afaste a mão mas trata de explicar que

– Isto só a mim, levantei-me cedo para o cabeleireiro e agora

Luís Gustavo repara que de facto o cabelo terá acabado de ser lavado, escovado e cortado com minúcia, consegue senti-lo nos poucos centímetros de pormenor que não estão ainda tomados pela lava vagarosa do sangue escuro, terá pedido para lho cortarem curto, livrou-se hoje das poupas e madeixas que lhe carregavam um ar de madame.

Terá cerca de setenta anos, ainda bonita, imagine-se como seria em mais nova, e foi daí talvez que as amigas a tenham convencido de que o cabelo curto, quase à rapazinho, a faria mais nova, que é como quem diz atenua a idade real, que se um cabelo curto nos fizesse mesmo mais novos, não havia vagas nos salões de beleza.

Porque às vezes, tantas vezes, mentimos em nome de um bem maior, Luís Gustavo procura acalmá-la (a vítima de perda de sangue poderá entrar em taquicardia, suor excessivo, semiconsciência, choque)

– Não se preocupe com isso que quando tratarem de si depois não se nota nada o cabelo está impecável

A nuca que ela não vê.

Aqui se disse há pouco que neste momento há dois homens a aprender uma lição. Luís Gustavo vai a meio da sua, tratemos de saber da outra.

O início dos acontecimentos é igual a milhares de manhãs, o que nos faz estremecer com a real possibilidade de isto acontecer tantas mais vezes, se é que não acontece mesmo, sem a gente se dar conta.

A rua onde isto se passa é muito movimentada. Prédios a perder de vista em ambos os passeios. Pequeno comércio, mercearias, papelaria, cafés, com e sem esplanada, uma retrosaria, loja de ferragens, um estabelecimento que tira fotocópias de qualidade e que abriu há pouco tempo. E uma escola secundária.

Onde há uma escola secundária há sempre, ali pelas oito e meia da manhã, um corrupio mais acentuado no trânsito. Nos dias que correm, há menos miúdos a chegar de autocarro, e muitos mais a sair da viatura dos papás que os foram levar.

E nenhum miúdo sai logo do carro, porque o papá quer certificar-se de tudo: se tem o telemóvel, se o telemóvel tem bateria, se tem o dinheiro para o lanche, mais as recomendações para não se ficar a falar com os amigos quando passar a buscá-lo,

porque está com os minutos contados, e depois ainda haverá que levar o miúdo ao judo, ao basquete, à natação.

E a fila vai crescendo.

Acontece que na rua há moradores. Que à noite deixam o carro estacionado em espinha, nariz encostado ao passeio. O que significa que o morador, para sair do lugar e ir à sua vida, terá de fazer marcha-atrás, esperando uma aberta de boa vontade da fila enorme.

Só que os papás dos meninos da escola já vêm atrasados desde que saíram de casa. E não vão deixar o carro do morador recuar para ir à sua vida. O morador tentava fazer a marcha-atrás e o papá não gostou.

E a coisa começou.

O papá buzina forte. O morador faz-lhe um sinal com a mão, a palma aberta que simboliza calma, mas pede-lhe que o deixe fazer a manobra. Mas o papá está atrasadíssimo e irritadíssimo. Por isso não só buzina como abre o vidro e insulta e ameaça. E o morador sai do carro.

Ainda não disse nada, mas parece-nos que é sobretudo porque não quer dizer nada.

O pau que traz na mão ajuda a esta teoria.

A primeira pancada estilhaça o farol dianteiro esquerdo da viatura que o papá ainda não pagou na totalidade ao leasing. A segunda, baixa-a com estrondo no metal do capô.

O papá, que nunca pensou poder haver alguém que está mais atrasadíssimo e irritadíssimo do que ele, entra em pânico, recua, bate num carro, acelera, bate noutro e só lhe resta largar a toda a velocidade.

Para cima do passeio.

E acelera, cego ao que pode acontecer.

Atropela quatro pessoas, com diferentes gravidades, e quando tenta desviar-se dos caixotes de fruta da mercearia, já perdeu a noção de onde está, ou do que está a fazer. Até chocar com um poste de electricidade.

A mulher deitada no chão, junto aos joelhos ensanguentados, sujos e lamacentos de Luís Gustavo, não parecia ser, no primeiro momento, a vítima mais grave do quádruplo atropelamento, porque até tratou de dizer

– Logo me havia de acontecer hoje que vim cedinho ao cabeleireiro

uma certa consciência, uma sobriedade inesperada dada a condição, Luís Gustavo sorri porque lhe parece bom sinal, para logo deixar de sorrir porque pode afinal ser já só alucinação, que a cabeça privada de sangue e oxigénio prega partidas, e esta não seria a primeira a que assistiria.

– Olhe uma coisa, jovem

Uma dificuldade cada vez maior em escutar o que a senhora tenta dizer, porque as ambulâncias a multiplicarem-se, e gritos acima e abaixo da rua, à medida que, depois do silêncio estupefacto do choque, os cidadãos começam a dar conta dos ferimentos e estragos, e sobretudo a indignarem-se com a desnecessidade de brutalidade tão insólita

– Escute lá jovem eu não sei onde está a minha mala

Está ali perto, uns três metros se tanto, escancarada no passeio, entre vidros e laranjas e limões esmagados, abriu-se talvez durante o voo, uma bolsinha com os cartões e moedas, um batom, um caderno pequenino, uma caneta, uns óculos, não, dois pares, comprimidos, chaves

- Não se preocupe minha senhora que já lhe apanham a mala, com isso não se preocupe não fale tanto e olhe para mim
- Mas é que eu tenho lá o dinheiro trocado
- Sim tudo bem não se aflija
- Quero-lhe pagar mas não sei se chega

Procure-se entender a incerteza absoluta de Luís Gustavo. Diz a senhora isto, manifesta esta inaudita preocupação em virtude de estar em choque e já não saber o que diz, ou seria coisa que diria, fosse qual fosse a situação, porque assim foi educada, e se rege por uma cortesia que muitos julgarão ser ingénua e desproporcionada à maldade que por aí anda, de forma que à falta de certeza Luís Gustavo procura acima de tudo garantir que

- Deixe deixe, não fale mais agora

enquanto com um acenar da mão livre, não a mão que segura a cabeça no chão, cada vez mais encharcada, húmida a um ponto de não retorno, com a mão livre acena aos paramédicos que acabam de tirar a maca da ambulância mas ainda não sabem para onde se virarem primeiro

- Aqui porra aqui

E espera que a senhora ou não tenha ouvido o palavreado que gritou ou lho perdoe pela circunstância de ser cada vez mais tarde, cada vez mais tarde, Luís Gustavo sabe-o bem, não é que seja a primeira vez, embora esteja mais habituado a estar de bata e dentro do hospital, o que às vezes detalhes de quase nada mudam a nossa maneira de pensar, de raciocinar depressa quando não se consegue raciocinar, porque lhe parece cada vez mais tarde, e ele não percebe se a senhora sabe que é cada vez mais tarde, talvez saiba, talvez saiba até antes dele saber, cada vez mais tarde, quando ouve, nitidamente ouve

– Larga

o que só lhe deu vontade de responder

– Não não largo a senhora aguarde-se só mais um pouquinho

isto caso tivesse sido a senhora a falar, ou então em vez disso simplesmente gritar

– Largo mas é o caralho que largo

caso tivesse sido um dos paramédicos a falar, agora que perceberam finalmente que ali, onde está aquele indivíduo de joelhos no chão, a acenar uma mão cheia de sangue, há uma mulher ao comprido no passeio, um sapato ainda no pé, outro perdido, as pernas num tremor de espasmo

– Larga

Mas ainda que a situação seja confusa, e esteja cansado e nervoso, acha que não foi nem a senhora nem o paramédico, é capaz

de jurar que nenhum dos dois, o que o leva a girar um pouco a cabeça, na expectativa, justificável, de que alguém mais se tenha juntado ao acontecimento sem que ele tenha reparado.

Mas ninguém suficientemente perto dele, ainda que veja, agora em câmara lenta, um corrupio de aflições uns metros mais à frente

– Larga

E é por ver tão bem o tumulto de braços no ar, alertas, impróprios, lamentos, é por ver tão bem que repara, porque às vezes ao olharmos para uma coisa percebemos essa coisa e logo o seu contrário, portanto repara que enquanto toda a gente parece correr e dizer alguma coisa, lá do outro lado do passeio

(a silhueta de alguém que parece absolutamente parado, absolutamente calado)

– Acabou

E é curioso como por vezes acontecem as mesmas sensações a duas pessoas, em locais afastados e situações bem diversas, porque Luís Gustavo está um pouco como Maria Luísa esteve há pouco.

Submerso num silêncio de respiração pesada enquanto à volta combatem todos os ruídos do mundo.

Um breu na cabeça, um nevoeiro através do qual tenta perceber, de uma vez por todas, quem fala com ele, uma vez que não foi a senhora, porque é pouco provável que tenha sido o paramédico (branco, em pânico, a deixar cair tubos e saquinhos de plástico assim que abre a maleta do socorro).

Então quem, ele próprio talvez, mas na cabeça dele parece mais lógico que a voz venha do homem imóvel do outro lado do passeio, o único homem imóvel no remoinho inesperado daquela manhã, e repare-se aqui na confusão de uma cabeça que acha lógico ouvir, distinta e clara, colada ao seu ouvido, em segredo, a voz de alguém que está parado e calado a uns vinte trinta metros

– Acabou

O braço de Luís Gustavo não pode mais. Já treme há algum tempo, num último esforço de amparar a cabeça da senhora.

Ela não lhe vai pagar, ainda que conseguissem recolher do chão enlameado todas as moedas da carteira. Fixou o olhar num qualquer ponto, lá no alto de um prédio talvez.

Luís Gustavo encosta a palma da mão às suas pálpebras, normalmente basta para as fazer baixar, aprendeu muito cedo que é das coisas que mais impressiona as famílias, virem encontrar ainda de olhos abertos quem já partiu.

Tira o braço com todo o cuidado, a doer-lhe um formigueiro, dá espaço aos colegas, a manta que era para a senhora não sentir muito frio é agora para lhe tapar a cara, o homem imóvel continua imóvel, Luís Gustavo não lhe vê o rosto, há muita gente a cruzar-se à frente, mais uns reflexos do sol que bate nas montras, baixa de novo o olhar para a senhora, antes que a ergam para a maca, dá por si a fazer-lhe uma festa na mão que pende porque já desistiu, e quando volta a olhar para lá, para o outro lado da rua, o homem imóvel já não está.

Acabou.